

TEMÁTICAS EMERGENTES EM JUVENTUDES

Victor Hugo Nedel Oliveira (org.)



GEPJUVE

Grupo de Estudos e Pesquisas
em Juventudes e Educação



TEMÁTICAS EMERGENTES EM JUVENTUDES

Victor Hugo Nedel Oliveira
(org.)

2024

TEMÁTICAS EMERGENTES EM JUVENTUDES

Victor Hugo Nedel Oliveira
(org.)

2024

Diagramação e revisão final: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação – GEPJUVE – UFRGS – CNPq.

Imagem da capa: *Free-Photos* –
<https://pixabay.com/pt/photos/rapazes-novo-adolescentes-p%c3%a9s-3286364/>

A presente obra encontra-se sob os direitos da Creative Commons 4.0. Atribuição-NãoComercial-SemDerivações – CC BY-NC-ND



O48temat Oliveira, Victor Hugo Nedel (org.)

Temáticas Emergentes em Juventudes / Victor Hugo Nedel Oliveira (org.). – Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2024.

161 f.

ISBN – 978-65-00-90764-3

1. Juventudes. 2. Educação. 3. Geografia. 4. Sociologia. 5. Gepjuve
I. Oliveira, Victor Hugo Nedel. II. Temáticas Emergentes em Juventudes.

UFRGS

CDU: 911.3

CDD: 900

MATERNIDADES NA SÉRIE SINTONIA

Juliana Ribeiro de Vargas

Carin Klein

Maria Elva de Jesus Matos

Pretendemos, com este trabalho, ¹ problematizar representações de maternidades vivenciadas por mulheres periféricas visibilizadas pela série brasileira *Sintonia*, apresentada pela plataforma *Netflix* desde 2019.² De modo mais específico, analisamos cenas da primeira temporada da série que alcançou grande repercussão na mídia. Sucesso entre os jovens, *Sintonia* já está em sua quarta temporada e, além da plataforma *Netflix*, é possível acompanhar discussões sobre os episódios em redes sociais como o *Instagram*.³

Embasadas pelos campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, buscamos compreender

¹ Esse trabalho é um recorte da dissertação intitulada: Representações das feminilidades na série *Sintonia*, defendida no PPGEDU/ULBRA. (Matos, 2022)

² A série é produzida por Kondzilla, produtor de clipes de funk e dono de um dos maiores canais do Youtube brasileiro. Ela retrata a história de três amigos da favela, onde cada um segue um rumo diferente (música, igreja e crime), mas sempre se encontram. Maiores informações em: <https://www.netflix.com/br/title/80217315> Acesso em 20 out. 2023.

³ Perfil da Série: <https://www.instagram.com/sintonia/?hl=pt>. Acesso em 20 out. 2023. Vale ainda destacar o Perfil Família Sintonia: <https://www.instagram.com/familiasintonia/?hl=pt>, que também apresenta entrevistas e comentários sobre a série. Acesso em 20 out. 2023.

de que modo mulheres mães são representadas na série e que experiências, lugares e sentidos são relacionados a elas. Seguindo essa direção, produzimos o *corpus* de pesquisa a partir da série *Sintonia* por entendermos que esse artefato cultural dá visibilidade a algumas relações que envolvem as jovens/mulheres periféricas com suas lutas, embates, dilemas, carências, desejos, resistências e conquistas.

Compreendemos, também, que problematizar representações das periferias urbanas visibilizadas no contexto midiático, pode significar uma melhor compreensão das condições que organizam as vidas das pessoas que habitam tais espaços. Tal dimensão ganha especial relevância ao analisarmos os dados prévios do último Censo Demográfico, os quais demonstram um aumento de 40% da população residentes em favelas nos últimos doze anos (2010-2022).

Entendemos os Estudos Culturais como espaço para a problematização de relações dicotômicas, fundamentadas pelas tradições elitistas, tais como alta cultura x cultura de massa; cultura burguesa x cultura operária e entre cultura erudita x cultura popular (Costa, Silveira, Sommer, 2003). A partir dessa premissa e ainda, aproximando-nos das produções de Stuart Hall, pensamos a Série Sintonia como uma produção cultural, uma vez que “[...] todas as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm uma dimensão cultural” (Hall, 1997, p. 32).

Ao relacionar o conceito de cultura à maternidade na juventude e nos espaços de periferia urbana, é importante considerar e problematizar que um conjunto de práticas sociais, aqui veiculadas pela série em questão, referentes a essa etapa acaba por interpelar e constituir às jovens, produzindo significados utilizados pelas mesmas para se constituírem como mães, diante da sociedade. Nesse sentido, podemos dizer que as mídias devem ser estudadas como locais da cultura, pelas quais são veiculadas representações de gênero e pelo qual as estratégias de controle e de poder se realizam.

Já os Estudos de Gênero permitem-nos compreender o conceito de gênero como: “[...] uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’” (Scott, 1995, p. 72). Logo, a partir dessa premissa podemos afirmar que gênero não se limita à diferença sexual entre homens e mulheres, mas sim a como o indivíduo é representado culturalmente em razão das diferenças (Louro, 2014). A partir dessa premissa, compreendemos o gênero como ferramenta analítica, que nos ajuda a pensar/problematizar as maternidades veiculadas pela série e em como esses sentidos podem reverberar na constituição das juventudes contemporâneas.

Ao abordar o conceito de gênero, torna-se importante falar sobre feminilidade e, por conseguinte, questionar sobre como se constituíram e se fixaram os discursos sobre a condição feminina e o ideal de feminilidade. Ao final do século

XIX e início do século XX, com o surgimento da psicanálise, foi que se instigou um olhar mais atento sobre a condição da mulher na sociedade ocidental. A cultura europeia desta época produzia discursos que visavam promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade. As virtudes próprias da feminilidade baseavam-se no recato, na docilidade, na afetividade mais desenvolvida, na receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, mais tarde, dos filhos (Vargas, 2008).

Também de acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, o conceito de juventude remete à ideia de categoria plural, fato que a afasta de um modo único de vivê-la, a fim de que possamos descrevê-la e contextualizá-la. Estudos como os de Carles Feixa (2004), Juarez Dayrell (2007), entre outros tantos, distanciam-se das classificações etárias e de descrições biológicas na contextualização da categoria juventude. Contudo, na atualidade, certas características tais como beleza, espontaneidade, vitalidade e versatilidade acabam por ser “naturalmente” associadas à condição juvenil e, são exaltadas por diversos discursos circulantes em nossa sociedade, a exemplo do discurso midiático e do discurso médico. Assim, algumas ações e procedimentos são naturalizados pelos mesmos como artifícios acessíveis para que os sujeitos vivam o ideário de juventude, uma vez que esta etapa da vida acaba por ser supervalorizada e percebida como um ideal a ser alcançado por todos (Soares, 2005).

Em consonância com os campos de estudos citados, entendemos que o estudo e a análise sobre maternidades representadas na série podem contribuir para compreendermos alguns atravessamentos de gênero e de pertencimento social, enquanto marcadores identitários envolvidos em relações de poder e que incidem sobre as vivências e lugares ocupados pelas jovens/mulheres representadas nas mídias.

Em relação à série Sintonia destacamos que, em todas as temporadas, os principais personagens são vivenciados pelos atores Christian Malheiros, como Nando; Pedro Carvalho, como Doni; e Bruna Mascarenhas, como Rita. A série foi filmada na comunidade de Jaguaré, em São Paulo, e conta a história desses três personagens, atravessados pelo fascínio do funk, pelo comando do tráfico de drogas e pela forte presença da igreja evangélica neopentecostal. Para esse estudo, conforme já afirmado, produzimos cenas vinculadas aos episódios da primeira temporada da série, por percebermos o seu potencial em movimentar e produzir ensinamentos de feminilização e de maternidade, vinculados às mulheres de diferentes gerações. Contudo, precisamos destacar que o olhar sobre a mulher, como um ser dotado de “instinto materno” e que deve colocar os interesses da família, na frente dos seus próprios desejos, ainda prevalece e é ensinado em grande parte das sociedades (Klein, 2018). Isso não é diferente na cultura brasileira, marcada por um modelo

familiar firmado sob uma série de padrões e normas culturais acerca do feminino e da maternidade.

Nossa filiação às perspectivas teóricas já citadas ocorre devido a possibilidade de tensionarmos e problematizarmos as naturalizações ligadas às formas de viver a maternidade em nossa cultura. De acordo com Meyer (2013), o conceito de gênero pode ser utilizado como uma ferramenta analítica e política, permitindo-nos questionar e desconstruir as certezas que circulam em variadas instituições educativas em relação aos corpos, às identidades de gênero e às formas de organização social. Partimos da compreensão de que os corpos femininos e masculinos se afastam de vertentes que os analisam como algo dado e/ou inato, resultado de uma ordem biológica.

As feminilidades, nesse sentido, são pautadas pela pluralidade, hierarquias e nas normas de gênero vigentes, que podem ser compreendidas ao se considerarem as tensões, resistências e cooperações, não só entre as variadas manifestações de masculinidades, mas também entre essas e as feminilidades, além das feminilidades entre si (Vargas e Rodrigues, 2022). As discussões acerca da maternidade podem ser exploradas tanto do ponto de vista da desnaturalização do sujeito mulher, quanto da própria radicalização da crítica pós-estruturalista ao sujeito estável, unívoco e centrado. Portanto, pensar a maternidade envolve compreender modos de ser, impostos (ou diversos) para o feminino e/ou masculino, bem como compreender as

experiências que indicam maneiras de se identificar como mulher, homem, mãe, pai, ou até, não binários. A maternidade será tomada por nós como uma marca de gênero, inscrita e naturalizada, a partir das experiências vividas nos corpos. Busca-se no âmbito da cultura naturalizar às mulheres funções e sentimentos ligados ao cuidado, à defesa dos/as filhos/as, à criação, à saúde, etc., e quem não cumpre essas funções, não persegue esse caminho produzido como natural, torna-se uma mulher “desnaturada”, pois vive fora do que é esperado às mulheres (Klein, 2012).

Como orientação metodológica, seguimos o caminho da análise cultural, aliado às análises de gênero, pois tratam justamente de localizar os processos de significação e de naturalização, envolvidos nessa produção, em documentos, leis, instituições, políticas públicas e em séries como *Sintonia*. Problematizar esses processos significa analisar como os artefatos veiculam ensinamentos e linguagens que atuam na produção de determinadas verdades do nosso tempo, mas também de diferenças que incidem em desigualdades.

Ao analisarmos representações de maternidades das jovens/mulheres periféricas, produzidas e veiculadas na primeira temporada da série *Sintonia*, busca-se compreender e problematizar como são posicionadas na trama, quais espaços ocupam, quais lutas reivindicam e como tratam de construir arranjos para driblar as dificuldades que parecem inerentes a elas. Realizadas essas considerações, passamos

agora para as cenas previamente selecionadas para realização das discussões.

Cena I: Jussara “não criou sua filha para ser lixo”!

Nesta cena, destacamos as ações de três personagens: Rita (jovem que sobrevive vendendo produtos no comércio ilegal); Cacau (jovem, melhor amiga de Rita, que acaba detida em uma operação policial contra a venda de produtos) e Jussara (mãe de Cacau e vizinha de Rita). Após a prisão de Cacau, Rita é submetida à agressão física e verbal por parte de Jussara, mãe de Cacau. A reação é caracterizada como uma manifestação de revolta decorrente do encarceramento de sua filha.

Figura 01 – Jussara agride violentamente Rita



Fonte: Sintonia (2019, episódio 1).

A fala de Jussara, ao dizer “que não criou sua filha para ser lixo igual a Rita”, pode ser interpretada como uma expressão de desejo de que sua filha tenha um futuro diferente de sua vida atual. Logo, compreende-se o esforço por parte de Jussara para afastar sua filha de uma vida de dificuldades, ao mesmo tempo pode ser entendido como uma tentativa de protegê-la do tráfico (e da violência), instância que regulamenta a vida de muitos moradores na região, atuando como “Estado Paralelo”. A postura de Jussara como mãe, parece divergir de padrões socialmente aceitos, mas vale pensar em como essa mulher mãe aprendeu formas para a resolução de conflitos necessárias frente a realidade cotidiana, naquele determinado local. Conforme destaca Juliana Vargas (2015), as mulheres das periferias jamais estiveram próximas do chamado “sexo frágil” e assim, operando posturas distintas daquelas naturalmente relacionadas ao feminino.

Podemos pensar que essa atitude agressiva da personagem da série *Sintonia* também pode ser entendida como uma estratégia de adaptação dentro de um contexto socioeconômico desfavorável retratado na trama. Isso pode ser compreendido ali, como uma forma de impor, por meio da violência física, respeito, proteção da filha, afirmação de independência e de uma forma de viver a feminilidade/maternidade, diante de uma sociedade desigual, retratada na série. É importante destacar que Jussara é pobre e residente de uma comunidade periférica, em que as

condições de vida são desfavoráveis e esses aspectos são importantes para entendermos a relação entre contexto socioeconômico e o seu comportamento agressivo, inclusive para conseguir ganhar o seu sustento ao trabalhar à noite, vendendo suas mercadorias nos bailes funks.

Em vista disso, compreendemos que a série *Sintonia* retrata uma situação comumente enfrentada por muitas mulheres, que consiste na necessidade de assumir a responsabilidade pela criação dos filhos sem o auxílio do pai, de um companheiro ou de uma rede de proteção, também formada pelos equipamentos estatais, como as instituições escolares, atividades esportivas, de lazer e cultura, quase invisibilizadas na série. Segundo Carin Klein (2007), ao falar da paternidade e do abandono materno, diz que pode ser decorrente de diversas causas, como “[...] pela necessidade econômica que faz o pai migrar em busca de melhores condições de vida, seja em decorrência de fatores culturais que envolvem a transitoriedade das relações de conjugalidade” (Klein, 2007, p. 351-352).

Além disso, é importante mencionar que Jussara, na cena destacada, conta com o auxílio de outras mulheres, o que pode sugerir a existência de normas e regras comportamentais específicas naquele determinado grupo e que justificam o uso da violência física, de linguagem ofensiva e, até mesmo, de silenciamento diante de situações de assédio, como Juliana Vargas e Diéssica Rodrigues (2022)

destacam ao analisar o dispositivo da feminilidade sob condutas de jovens alunas contemporâneas.

Cena II: Lucrécia, o filho e o funk.

A personagem Lucrécia é a mãe de Doni, um dos personagens principais da série e o único que frequenta o ambiente escolar. Na cena analisada, Lucrécia conversa com seu filho, procurando entender o motivo de suas faltas na escola. Evangélica petenconstal e dona de casa, Lucrécia auxilia o marido no pequeno comércio, fonte de sustento da família, assim como o filho. Contudo, ele anseia tornar-se um cantor de funk de sucesso e, como consequência, acaba afastando-se da escola. Na cena, Doni mostra à mãe um vídeo de sua performance, a qual ela reconhece como bonita, mas ressalta a importância da educação e do estabelecimento de metas para o seu futuro.

Figura 02 – Lucrécia conversa com seu filho



Fonte: Sintonia (2019, episódio 4).

A cena descrita mostra uma situação comum em muitas famílias, em que os pais têm expectativas diferentes dos filhos quanto ao seu futuro. A representação de Lucrécia, como mãe e esposa, visibiliza a responsabilidade dos cuidados com a casa, com o comércio da família, com o filho (mesmo que um quase adulto) e ainda, com seu marido, que “apenas” provê o lar! Podemos pensar ainda que a religião desempenha um lugar importante em sua vida e pode atuar sobre a sua constituição como mulher e mãe, bem como sobre sua opinião sobre o futuro do filho, a qual compreende como uma carreira instável e pouco respeitável. No entanto, mesmo discordando das escolhas profissionais do filho,

Lucrécia acoberta o segredo sobre as ausências de Doni na escola e de suas primeiras apresentações no mundo do funk.

Podemos depreender a naturalização sobre a sobrecarga emocional de mulheres mães como Lucrécia, as quais colocam-se em último plano e atendem, prioritariamente, necessidades, anseios e desejos do marido e do filho. No caso específico da personagem, toda a organização do cotidiano, das tarefas do lar e do comércio da família, cabe a ela. Podemos questionar: se Lucrécia tivesse uma filha, sua sobrecarga seria a mesma? Por que um artefato contemporâneo ainda reitera tais (im)possibilidades de vida para mulheres como Lucrécia? Nesse sentido, Klein, Dal'Igna e Schwengber (2021) analisam sentidos sobre as maternidades e o trabalho, a partir de reportagens veiculadas em jornais e revistas *online*, publicadas em 2020, durante a pandemia de Covid-19. As autoras, tanto visibilizam o trabalho das mulheres na pandemia, vinculadas a sobrecarga das tarefas domésticas e reprodutivas, por serem tomadas como próprias do feminino e da maternidade, como também evidenciam nas análises das reportagens, a necessidade de reivindicar e ampliar as redes de apoio, diante do aprofundamento das desigualdades sociais vivenciadas por meio da maternidade.

Palavras Finais

De modo geral, pontuamos que os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero são campos interdisciplinares que buscam compreender como a cultura e as representações de gênero estão imersas em relações de poder, incidindo sobre algumas desigualdades entre mulheres e homens, mães e pais, cuidado e sustento, existentes na sociedade.

Vale dizer que os campos de estudo aos quais nos filiamos também se preocupam com a forma como as pessoas se relacionam com os artefatos culturais e como esses artefatos são utilizados para comunicar e reforçar determinados valores, crenças e normas sociais. Conforme Klein (2012), em vez de se concentrar apenas na cultura e nas relações familiares, ensinando as mulheres em como “ensinar com amor” ou “adotar hábitos saudáveis”, talvez seja necessário compreender um conjunto mais amplo de fatores que atuam sobre as formas como se estabelecem valores, conhecimentos e modos de vida relacionados à educação. Logo, devemos considerar aspectos econômicos, políticos, sociais e históricos que também têm impacto nessa constituição de sujeito genericada (Klein, 2012, p. 655).

Dessa forma, torna-se importante reconhecer e considerar os atravessamentos de outros marcadores identitários e sociais, como pertencimento social, raça, orientação sexual, acessos públicos, etc., para compreendermos a experiência de ser mãe/mulher na sociedade atual. Tais atravessamentos incidem diretamente

nas condições e possibilidades oferecidas a essas mulheres em suas vidas e em sua relação com a maternidade. Além disso, é importante analisar o contexto histórico e social em que essas experiências estão inseridas, bem como a forma como as instituições e sistemas sociais re/produzem as desigualdades de gênero por meio da maternidade.

A partir da análise, é possível compreender que a noção de que todas as mulheres possuem um instinto materno inato e intrínseco é uma construção cultural, completamente refutada pelas escolhas teóricas presentes nesse estudo. Esta noção da mãe natural pode ser localizada em muitos lugares da cultura, sobretudo ao valorizar e enaltecer a maternidade como um destino inevitável e desejado por todas as mulheres, minimizando outras possibilidades e escolhas individuais.

REFERÊNCIAS:

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. M. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 23, p. 56, maio/ago. 2003.

DAYRELL, J. T. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, ed. esp., p. 1105-1128, 2007.

FEIXA, C..A construção histórica da juventude In: CACCIA – BAVA, A., FEIXA, C. e GONZÁLES, Y. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004. p. 257-327.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

KLEIN, C. Discursos que concorrem para a produção de infância e maternidade em políticas de inclusão social. **Textura**. Canoas. v. 20, n. 43. p. 53-78 maio/ago. 2018.

KLEIN, C, DAL'IGNA, M. C. e SCHWENGBER, M. S. Mulheres mães trabalhadoras na pandemia de Covid-19: produção de sentidos em jornais e revistas online. **Textura**. Canoas. v. 23 n. 55 p.- 5-37 jul./set. 2021.

KLEIN, C. Educação de mulheres-mães pobres para uma “infância melhor”. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set./dez. 2012.

KLEIN, C. Mulher e família no Programa Bolsa-Escola: maternidades veiculadas e instituídas pelos anúncios televisivos. **Cadernos Pagu**, v. 29, p. 339-364, jul./dez. 2007.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MATOS, M. E. de J. **Representações das feminilidades na série Sintonia.** 2022.102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2022.

MEYER, D. E. Gênero e Educação: teoria e política. IN: LOURO, G. L.; FELIPE, J. e GOELLNER, S. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

VARGAS, J. R., RODRIGUES, D. G. A culpa é tua! O dispositivo da feminilidade operando condutas de jovens alunas contemporâneas. **Margens** (UFPA), v. 16, p. 167-182, 2022.

VARGAS, J. R. de. **Meninas (mal) comportadas:** posturas e estranhamentos em uma escola pública de periferia. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Porto Alegre, 2008.

VARGAS, J. R. **O que ouço me produz e me conduz?** A constituição de feminilidades contemporâneas de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOARES, R. de F.R. **Namoro MTV**: juventude e pedagogia amorosas/sexuais no Fica Comigo. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 174 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.